HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

CC BY

Número Especial de Temática Livre – Artigo Original
DOI – *10.5752/P.2175-5841.2025v23n01e230102*

Noite e medo: Igreja e feitiçaria (Belém-PA, 1916-1940)

Night and fear: Church and witchcraft (Belém-PA, 1916-1940)

Ipojucan Dias Campos [*]

Resumo

Propus nas reflexões a seguir, interpretar os sentidos da noite e os do medo na cidade de Belém-PA. O estudo foi estruturado por meio de dez processos de desquite, em algumas matérias publicadas no jornal católico "A Palavra" e em passagens bíblicas. Por conseguinte, a respeito do medo e da noite, ao se problematizar tais documentos, descortinei como maridos, esposas e Igreja Católica os compreenderam e os disseminaram no tempo e no lugar em tela. À vista disso, através da inquirição das fontes tornou-se possível afirmar que os dois substantivos jamais se distanciaram do catolicismo e da feitiçaria, então, ao serem intercalados por essas matrizes religiosas inevitavelmente foram reforçados pelas acepções de Deus e Diabo, luzes e trevas. Assim sendo, o intuito dos que manobravam os sentidos da noite, os do medo, os de Deus, os do Diabo passava pelo desejo de dominar o outro nas suas escalas psicorreligiosas. Desse modo, a intervenção ora apresentada foi sustentada sobre o argumento denominado de constrição do sujeito, a categoria explica que a noite e o medo, Deus e Diabo quando bem articulados pelos perpetradores conseguiram produzir pelo medo desgovernos sobre os perpetrados.

Palavras-chave: Noite. Medo. Igreja. Feitiçaria.

Abstract

In the reflections that follow, I set out to interpret the meanings of night and fear in the city of Belém, Pará. The study was structured around ten legal separation cases, articles published in the Catholic newspaper *A Palavra*, and biblical passages. Consequently, by problematizing these documents regarding fear and the night, I revealed how husbands, wives, and the Catholic Church understood and disseminated these concepts within the specific time and place in question. Thus, an examination of the sources made it possible to assert that these two concepts were inextricably linked to Catholicism and sorcery; when shaped by these religious frameworks, they were inevitably reinforced by the notions of God and the Devil, light and darkness. Accordingly, the aim of those who manipulated the meanings of night, fear, God, and the Devil was rooted in a desire to dominate others on a psycho-religious level. The analysis presented here is therefore grounded in the argument of "subject constriction"—a category explaining how night and fear, God and the Devil, when skillfully articulated by the perpetrators, managed to exert control over the subjects through the mechanism of fear.

Keywords: Night. Fear. Church. Witchcraft.

Artigo submetido em 16 de março de 2024 e aprovado em 07 de setembro de 2026.

[*] Doutor em História pela PUC-SP. Docente da Faculdade de História da UFPA. Professor do PPGCR-UEPA e do PPHIST-UFPA. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-9179-2482. E-mail: ipojucancampos@gmail.com.

Introdução

Por meio de dez processos de desquite[1] e de algumas matérias publicadas no jornal católico "A palavra"[2] e de capítulos e versículos bíblicos o artigo pôs-se a entender em que circunstâncias religiosas, na cidade de Belém entre 1916 e 1940, a noite e o medo estiveram ligados a Deus, ao Diabo, à Igreja Católica e à feitiçaria. Por estes patamares, o estudo que apresento quis oferecer explicações históricas a versar em meio a cultura religiosa acerca daqueles substantivos. No tocante a tais auspícios, reconhecer articulações, considerar fragilidades, reputar forças psíquicas foram princípios medulares para se entender determinadas camadas nas quais homens e mulheres assentavam suas apreensões concernentes ao medo e à noite. Não obstante, no seio destas teias, as religiões (catolicismo e feitiçaria) se encontravam margeadas por medulares zonas aproximativas. A noite e o medo foram entendidos pelos sujeitos acometidos pelo pavor e pelos seus perpetradores, na faculdade de lugares legitimadores daquelas religiões, porquanto os agentes sociais que se "renderam" a eles, de maneira vulgar, recorreram às influências psicorreligiosas emanadas quer da Igreja Católica, quer da feitiçaria, quer de Deus, quer do Diabo.

Estas ponderações as pautei na metodologia do intercruzamento documental que expressa: nenhuma memória chegada ao "presente" foi ouvida-interpretada por este historiador de maneira isolada, em tudo busquei cruzá-la com a finalidade de compreender de forma mais inteligível escalas do *establishment* católico, os sentidos dados à feitiçaria, bem como vislumbrar condutas a precingir campos do pensamento religioso de determinados agentes sociais (maridos e esposas) que traduziram a noite e o medo como severos problemas psico-religiosos.

Também inicialmente quero deixar evidente que as apreciações foram esteadas sobre o argumento denominado: constrição do sujeito. Esta categoria a compreendi como a paralisação do indivíduo oriunda das traduções oferecidas

[1] Estes processos foram compulsados no Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (ATJEPA). Parte expressiva dos documentos deste arquivo (os havidos entre a Colônia e a segunda metade do século XX) foram doados à Universidade Federal do Pará (UFPA) e hoje compõem o Centro de Memória da Amazônia (CMA).

[2] Este periódico repousa na hemeroteca da Biblioteca Pública do Pará (CENTUR).

pelas suas estruturas psicorreligiosas, ou melhor, se tudo pudesse ser simplesmente dito, expressaria que através de tal campo quis explicar o quanto o catolicismo e a feitiçaria, Deus e Diabo existiram na qualidade de zonas de cognição representadas pelo medo e pela noite, as quais de nenhuma maneira poderiam ser descortinadas como contínuas, mas que se materializaram em sortidos aspectos a se juntar, mas também a se distanciar no seio da vida de cada qual. A constrição do sujeito pronuncia a compressão exercida pelo temor em face a determinados homens ligados de alguma forma à noite e ao medo, à Igreja e à feitiçaria, a Deus e a Satanás.

Em conformidade com isso, o presente artigo versou sobre a noite e o medo na faculdade de embustes religiosos do homem. Como lugares do mistério, como zonas do infortúnio, como espaços de atuação do Diabo, como regiões de deslocamento da feitiçaria, por uma escala; por outra, Deus e Igreja expressavam a luz, a esperança, a vitória, o acesso ao céu, o enfrentamento do mal. Em suma, o medo e a noite apresentaram para os sujeitos sociais, a constrição psicológica, a dominação psicorreligiosa sobre a forma de pensar dos indivíduos.

Seguem, portanto, os significados do que denominei como a constrição do sujeito.

1 Noite e medo

"Não temerás o terror da noite nem a flecha que voa de dia", disse o autor de Salmos, capítulo 91, versículo 5. Já para o de João, capítulo 11, versículos 9-10, Jesus teria afirmado: "Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele" (Bíblia de Jerusalém, 2002). No sentido figurado e no literal, a noite recorrentemente esteve significada por meio de algum senão. Como uma armadilha na ausência de fé, ela sempre esteve ligada. Preferiu-se a noite para se personificar o Diabo. A morte, do mesmo modo, foi mais bem representada noturnamente. Trabalhos feiticeiros ditos diabólicos foram executados na obscuridade. Os corpos dos maridos (alvos dos feitiços de esposas descontentes) com dores e com músculos retesados davam seus sinais mais severos no breu, segundo testemunhos documentais (Ação de desquite

litigiosa, 1937). Muitas memórias (fontes) proporcionaram ao presente sortidos entendimentos a respeito da noite, porém uma conseguiu estabelecer ligação entre elas, qual seja: tratava-se do lugar onde os inimigos (o Diabo e a feitiçaria) se fortaleciam e atuavam. Nestas tensas escalas, ocorriam, então, lutas religiosas e psicológicas a envolver a "fragilidade psíquica" de diversificados agentes sociais. À vista disso, o medo (as pessoas) buscava transformar a noite num lugar sem complacência, num ambiente onde imperava quer a imaginação, quer a danação, quer o satanismo, quer os suplícios. Aqui, recorrer às linhas de Jean Delumeau torna-se seminal, porquanto o autor analisou o quanto "a noite é tanto mais perigosa quanto mais vezes os alabardeiros de vigia estão adormecidos numa encruzilhada, rocando ruidosamente" e, mas a seguir, expressou: "o Inimigo aproveita portanto da noite para induzir ao mal o ser humano fragilizado pelo desaparecimento da luz" (Delumeau, 1989, p. 104-106).

O catolicismo por intermédio do jornal "A Palavra" interligou diversificadamente o medo à noite. Ora na qualidade de espaço de atuação livre do Diabo, ora como espaço das mandigas e dos feitiços, ora como espaço da morte, ora como espaço da ausência da fé. Concernentes a estes temas, aos 04 de abril de 1918, a folha publicou longa matéria relativa aos conteúdos da noite articulando-os à morte, à luz (a fé), à falta desta, a Jesus, a Deus. Em dada altura, o profissional das letras jornalísticas, dissertou: "[...] O homem hoje como hontem, é duro para crer. Só não o é quando se trata de não prestar fé a bruxos, a adivinhos, a espiritistas, a intrujões de todas as categorias .... A relectancia é em relação ás obras de Deus, em relação á Verdade [...]" (A Palavra, 1918, p. 01). As certezas católicas divulgadas no jornal "A Palavra", de alguma ou de todas as formas, ecoavam nas camadas da sociedade. O credo católico atuava variadamente. Ele, por exemplo, esteve na missiva anexada ao desquite litigioso impetrado, em 1919, por Conceição Silva contra Francisco Silva. O esposo caligrafou à irmã a seguinte mensagem: "mana a egreja sempre nos ensina nas miça que existe bruxos e feiticeiros. A sua cumhada faz feitiçaria pela noite no quintal perto do local do banho. Eu tenho muito medo. Eu sou contra essa coisa do diabo e tenho medo daquele cuiza do diabo. Tó pra ficar louco" (Ação de desquite litigiosa, 1919). Mesmo debatendo o medo para tempo e espaço bastantes apartados dos aqui abrigados, Michel de Montaigne o classificou na

esfera de “uma estranha emoção”. Para o autor, inexiste outro sentimento “que deixe mais depressa nosso julgamento fora de seu estado normal” e um pouco mais à frente descreveu ter visto “muitas pessoas que ficaram enlouquecidas de medo” (Montaigne, 2010, p. 55).

Várias foram as vozes opositoras que, havia tempo se levantavam contrárias as manifestações religiosas diferentes das da fé católica. O Jornal “A Palavra” e alguns processos de desquite, deram a ler ao “presente” como expressões religiosas distintas das do catolicismo foram albergadas como representações do Satanás. Nesta esteira, a feitiçaria, a bruxaria, o espiritismo eram dados a ler na faculdade de frágeis, uma vez que estavam, segundo a Instituição, à mercê de ações demoníacas. À mercê daquilo a desposar e a escarnecer o alto valor dado por Deus à humanidade. Estes cultos eram denotados à coletividade na condição de aprisionadores do homem, em razão de fadarem os indivíduos ao isolamento e, desse modo, tudo ficaria mais fácil à “conquista do inimigo”. Ao seu rebanho, a matriz religiosa em pauta dava a compreender, o quanto na “calada da noite” aquelas seitas “diabólicas” poderiam por meio da fragilidade da alma alheia se estender privadamente, mas também estiveram dispostas a confederar-se para assim enfrentar a verdade: a palavra de Deus. Estava em ação, determinadas formas de como a religião e a religiosidade colocavam em funcionamento o seu *establishment*, este não se distanciava de sentimentos religiosos, de coerções de horrores, de indignidades em face aos ritos não católicos.

No tocante àqueles ritos, para a Igreja Católica e Francisco Silva, bem como para dezenas de homens e mulheres, a noite, os ebós e o Diabo provocavam medos onipresente, onisciente e onipotente. O medo e a noite, quando interligados aos regimes religiosos africanos, por exemplo, eram dados a conhecer na qualidade de instrumentos capazes de designar, sincronicamente, o quanto o valor da vida se encontrava comprometido tal como o envolvimento das pessoas frente a esse valor (Ação de desquite litigiosa, 1929). Não obstante, aos maridos alvos de práticas discriminadas como feiticeiras executadas por suas esposas, a muitos cenários estiveram expostos. Suas ações detiveram o poder de pousar dúvidas acerca da viabilidade da vida, mas talvez, principalmente, de

pousar dúvidas na factibilidade frente ao futuro. A noite e o medo formavam conjúgio indissolúvel. Estabeleceram elos ordinários a versar por sortidos campos da vida (segurança *x* insegurança, felicidade *x* infelicidade). Eles objetivavam alcançar o deslocamento da maquinaria do pensamento, enfim, o deslocamento do sujeito social quer na individualidade, quer na coletividade, quer no seio do catolicismo, quer no bojo da feitiçaria (Ação de desquite litigiosa, 1940).

Por estes parâmetros, os dois substantivos eram difíceis superar quando adentravam no pensamento alheio, portanto. A noite se coligou, ou melhor dito, foi coligada perfeitamente ao medo porque engendrava ameaças diversificadas, as quais logravam para males efetivos. Na medida em que aliancei feitiçaria e noite, eles se aliançam não unicamente como dois termos, mas como nomenclaturas detentoras de vigor em seus significados, então, homens e mulheres não ficavam frente a frente ao medo "imaginado" que cada qual supostamente apresentava, mas sim diante do medo "real", isto é, da possibilidade real de ser atingido-alcançado pelo mal que a feitiçaria fazia crer e que se alojava nas bases psíquicas de cada qual.

Estas certezas cruzaram as vidas de Abhrão Goldizmith, 30 anos, paranaense, artista e Consolação Silva Goldizmith, 30 anos, paranaense, profissão não declarada. Em carta anexada ao processo de desinteligência conjugal, o perplexo consorte dava a ler ao irmão Abhraim Goldizmith fragmentos do cotidiano, eis alguns: "[...] as maudades de Consolação com as galinha preta ocorre á noite no quintal de casa em companhia do anjo das trevas [...]" um pouco mais à frente anuía: "[...] quando chega a luz do dia fico mais bem, mais estou com medo, a minha alma clama por paz, estou entregando ela ao Sinhor e vejo a escuridão [...]" e no final da epístola fez entender ao seu interlocutor ainda ter "[...] esperança nos ditos e assistidos em missas da egreja [...]" (Ação de desquite litigiosa, 1917). Abhrão fez reforçar as lógicas da constrição do sujeito, pois sentiu dada paralisia quando passou a ter conhecimento da existência de trabalhos feiticeiros. Neste sentido, as presumíveis ações da esposa produziram sobre o agente social abalos psicorreligiosos, porquanto o seu cognitivo recomendava a certeza de que a sua

companheira operava feitiços com a finalidade de suprimir a sua vida. Em conformidade com isso, ele estava certo de que a noite se articulava com o Demônio, logo, o medo vinha à tona como zona de cognição. Mas, é coerente reafirmar que os efeitos da constrição não significavam que o medo fosse contínuo e irreversível.

Ao se considerar estas escalas, sortidas esposas acessaram camadas psíquicas dos seus companheiros. Para Goldizmith, por exemplo, a escuridão do quintal, o significado da ave, a simbologia do compreendido como feitiçaria, a "desistência da vida" e a alma destinada a Deus expressavam, na sua essência, o indivíduo contra ele mesmo: a "derrota" psíquica. Todavia, ao mesmo tempo, havia um sopro de esperança quando dirigia a sua memória aos ensinamentos religiosos católicos. Embora distante no tempo e no espaço das problemáticas dessa pesquisa, Keith Thomas em "Religião e o declínio da magia" é relevante. Ao tratar sobre a Igreja Católica, o autor a interpretou por meio dos domínios da mentalidade, ou melhor, fez compreender em quais parâmetros a Instituição foi precípua, em cronologias diferentes, ao fortalecimento da feitiçaria e, em outros, ao seu enfraquecimento (Thomas, 1991). Igualmente, Márcia Moisés Ribeiro, afirmou existir "entre o próprio corpo eclesiástico", quando o assunto se concentrava na demonologia no mundo luso-brasileiro, enormes dificuldades para se "separar o lícito do supersticioso", pois, no seio do catolicismo, a definição do que poderia ser caracterizado feitiçaria ou culto ao Demônio foi pautado em complexos critérios doutrinais (Ribeiro, 2003, p. 112).

No seu conjunto, tudo manifestava o quanto o sujeito social poderia se transformar em intimidador e temível, porém, libertador dele mesmo, visto que quando chegava ao vislumbre de que a vida nada representava e que havia a necessidade de se "dar fim à própria alma" e entregá-la ao Criador, "todas" as instâncias psicológicas já se encontravam dominadas, enfim, o medo se demonstrava incrustado no ser. Aqui penso radicar, pelo menos, um aspecto dito nevrálgico aos interesses dessas reflexões: o medo e a noite na faculdade de meios sociorreligiosos inseridos no tempo, fizeram dadas pessoas experienciar severas mudanças. Assim dizendo, o medo ao ser deslocado com tamanha força e precisão foi capaz de mudar o entendimento do tempo "passado" daqueles sujeitos, bem

como o do tempo “presente” daqueles assaltados pelo sentimento.

No que medram as múltiplas preocupações apresentadas, o tempo, a feitiçaria, a Igreja, a noite, o medo, Deus e Diabo constituíram-se em teias cardinais. Cardinais porque ao se promover a delicada partição entre homem e tempo, “tudo” ocorria de modo paralelo à cisão própria da consciência do sujeito social no seu dia a dia, ou seja, instauravam-se perturbações capazes de negá-lo (o homem) na sua concepção de indivíduo capaz de orientar as suas finalidades. Dito de outro modo, apresentava-se um inventário psíquico bastante sombrio e perigoso, porque o medo se encontrava sob a dependência direta da reação do consciente-inconsciente de cada qual.

O medo e a noite, mas, aqui aditivo o tempo articulado pelos agentes envolvidos com o catolicismo e com a feitiçaria, manobravam diversificados tentáculos. Então, não era invulgar o primeiro (o medo) associar-se à noite e imediatamente determinar que para cada deslocamento humano havia obrigatoriamente fiúzas motivações das quais ele (o medo) pudesse se nutrir, porquanto, quanto mais repetições existissem na constituição psíquica do amedrontado, tanto mais elas tinham por si ferramentas para fazer o medo existir. Como resultado, consiste em refletir: tudo estava a versar em torno da lógica de que se constituía primordial fazer o sujeito deixar de ser o indivíduo que era. As diversificadas combinações cotidianas a se ligar à noite ao medo e, por conseguinte, à Igreja Católica, à feitiçaria, ao Diabo e a Deus, puseram o amedrontado Abhrão em condições demasiadas adversas diante do mundo a lhe circundar, posto que os conflitos a cingir os substantivos em questão não paravam de se colocar face a face às fragilidades do sujeito a ser atingido.

Aos 27 de novembro de 1927, o jornal “A Palavra”, sob o título “Como o diabo se interessa... pela Bôa Imprensa” elaborou matéria a versar sobre os intentos daquela entidade no seio da sociedade. Em dada altura, as concepções da existência de um Anjo das Trevas, entendimentos emanados – 10 anos antes – da combalida consciência de Abhrão Goldizmith, viriam à baila sob os seguintes prismas:

> [...] Todo o mundo é meu. Todo o mundo traz a minha venda nos olhos. Só eu, eu, o anjo das trevas, como me chamaes, não trago venda alguma.

> E enxergo longe, bem longe. Com a imprensa em meu poder, rio-me de quantos sermões andam pregando por ahi, nos púlpitos, os teus padres [...] (A Palavra, 1927, p. 01).

Ao se interligar a correspondência escrita por Abhrão às cognições do jornal católico, as apreensões psíquicas do homem se associavam, inevitavelmente, às preocupações da Igreja, portanto, quer a Instituição, quer o desquitando colocavam o Demônio na qualidade de Anjo das Trevas ligando-o à noite. É evidente que da noite e do medo derivavam deslocamentos efetivados pelo catolicismo e pelos cônjuges envolvidos em processos de desquite. Quando o medo se mancomunava à noite, a finalidade daqueles a manobrá-lo consistia em expor a "vítima" no seio de uma alucinação descontrolada, porque o "pior" dos sofrimentos era aquele o qual os agentes do medo o articulavam à noite e ao Demônio, não obstante eles duravam e se constituíam em horrores porque se prolongavam de maneira sobejamente violenta, uma vez que foram nas instâncias do soturno, nas das incertezas da escuridão, nas das imprecisões do negrume que a persuasão do medo se fazia tanto no tocante à forma, quanto no que concernia ao conteúdo. Mais uma vez, retomar à epístola de Abhrão ao ente querido faz reforçar as minhas elucidações. Em dada altura da missiva, facultava: "mano a sua conhada faz feitiçaria á noite no fundo do nosso terreiro ela faz conversa com diabo e eu tenho muito medo, mas me agarru é na egreja" (Ação de desquite litigiosa, 1917).

Em conformidade, presumíveis esposas e Igreja Católica ao manobrarem a existência-representação do Anjo das Trevas ligando-o à noite, tinham como objetivo adentrar e ganhar mentes que se lhes viabilizassem esse assentimento. Todavia, entre as duas escalas de poder (esposas e Igreja Católica) achavam-se distinções consideráveis. Por exemplo, se por uma escala, o jornal "A Palavra" usava o Demônio-Anjo das Trevas no sentido de alcançar o conjunto social; por outra, a presuntiva finalidade dos atos "feiticeiros" de Consolação e de tantas outras consortes, concentrava-se na "devastação psíquica" dos seus companheiros. A centralidade a ser dominada esteve fundamentada nos valores e nas certezas a organizar o meio sociorreligioso daquele a ser atingido. Com efeito, os agentes em tela sabiam o quanto o medo forçava o exercício de uma conduta, por conseguinte, os sujeitos o deslocavam no afã de que ele comandasse a vida alheia, as estruturas do outro, então, por estes parâmetros, os articuladores

do medo procuravam ligá-lo aos valores dos agentes a serem alcançados. Em seminal trabalhado, Paul Diel descortina o quanto o medo desempenha funções absolutamente variadas no espaço e no tempo, por exemplo, atua na qualidade de controlador da vida das pessoas, educa e indica caminhos, mas também milita como repressor desta mesma vida (Diel, 1985, p. 89).

Os sentidos oferecidos pelos maridos e esposas à noite e ao medo, bem como os dados a conhecer pela Igreja Católica se aproximavam e se distanciavam. Entre os sujeitos sociais e a Instituição, os seus significados se congraçavam no propósito de qualificá-los na faculdade de predicativos do sujeito quando estivessem como definidor das ações do próprio sujeito. Mas também, a constrição psicológica efetuada pela dupla medo-noite que atingiu os maridos e os sentidos do medo-noite divulgados pela Igreja se distanciava amplamente em suas pretensões. Explico: os excertos da carta em análise onde constam condutas ditas feiticeiras promovidas por pela esposa de Abhrão (dentre outras mulheres) não deixaram margens interpretativas a entender de que a consorte tivesse como alvo outras pessoas para além da do esposo (muito embora as ações chegassem a sortidos membros da família), logo, a noite e o medo deveriam funcionar através das contingências do aparelho da maldade, das da danação, das da desgraça, das da pouca lucidez, das do desequilíbrio. Desse modo a paralização do indivíduo se consolidava. Assim, se fabricava, na prática, a constrição do sujeito, pois, as estruturas psicorreligiosas se encontravam ligadas e dependentes, por exemplo, à Igreja Católica, mas também, não posso deixar de mais uma vez reafirmar o quanto tudo, igualmente, se aliançava ao medo, ao Diabo, à noite.

Já a Igreja, ao operar os significados correspondentes ao Anjo das Trevas, promovia o medo no sentido de uma "psicologia reversa", pois, vejamos, por meio do possível medo da presença da noite e do Diabo, o humano encontraria Deus e alcançaria a luz. Nestes particulares, a finalidade a envolver a noite e o medo consistia em torná-los atos proficientes a buscar dada subordinação esteada na dignidade dos perpetrados. Em suma, os seus agentes ansiavam alocá-los (e neles as pessoas) no seio de esquemas ditos próprios, onde acomodações cotidianas, mentais e teleológicas fossem perturbadas-alcançadas por seus perpetrores. As eficientes duplas medo *x* noite, Deus *x* Diabo, trevas *x* luzes quando

adequadamente articuladas conseguiam conduzir à sociedade e ao indivíduo desordens psicológicas substanciosas, uma vez que funcionavam na faculdade de redes que ao serem lançadas socialmente almejavam, a todo custo, ajustar as pessoas ao modelo dominado pelo seu articulador.

A noite esteve ligada à maldade, à mentira, ao inferno, ao pecado, ao desespero, ao desprezo de Deus, ao Demônio. Era lugar onde a fé inexistia. Nela o Criador faltava. Para onde quer que os olhos da noite se voltassem enxergariam o medo, bem como as asperezas a flagelar os homens e o mundo. Esposos(as) e Igreja Católica, até onde pude interpretar, compreenderam a noite e o medo na qualidade de colusão articulada pelo mal e como condição atribuída ao mundo satânico. Os deslocamentos da noite e os do medo inevitavelmente estiveram ligados às estruturas psíquicas de cada qual e isso validava a constrição do sujeito no que respeitava aos seus deslocamentos mais elementares. Em outras palavras, quando não controlados atuavam de forma devastadora no bojo das faculdades psicológicas, porque tiveram o poder de decompor percepções e, ao mesmo tempo, de secundarizar sensações no seio de uma conjuntura onde o objetivo a se alcançar se concentrava na conquista das partes para, assim, atingirem o todo.

Neste plano, a noite pode ser vislumbrada no ambiente das reações negativas do agente social, uma vez que foi alçada à qualidade de responsável da preservação do trauma e do caos, aspectos que jamais deveriam ser esquecidos pelos indivíduos. Não era incomum de as "vítimas" do medo agregarem esses entendimentos à noite, visto que a função desta consistia não na defesa e na integridade da vida alheia, mas no seu enfraquecimento, na sua constrição.

Como já dei a entender, a noite transladava diversificados sentimentos. Ela também tinha o poder de misturar sensações e de confundir compreensões, portanto ao mesmo tempo em que se entregava a alma a Deus (sinônimo de luz), igualmente se enxergava a escuridão. Assim, aqui ocorre outro imperativo categórico: o medo fazia o sujeito social aproximar-se – por vias opostas – de inúmeros antagonismos como os das imagens projetadas a descrever Deus e Diabo, luz e escuridão, paz e maldade (Ação de desquite litigiosa, 1930).

Por estas escalas, este estudo não interpreta a noite como lavra do

artificialismo, pelo contrário, a pensa inserida às estruturas do medo e, por conseguinte, na conjuntura da condição humana. Eis, algumas bases resistentes quando se passeiam por sobre as esteiras da escuridão e as do medo, pois religiosamente a noite foi articulada de modo a ser reconhecida na faculdade de fração de tempo localizada às margens do mundo sensível, por um lado; por outro, as pessoas que a exploravam tinham como estratégia central desacreditar o outro em si próprio, de fazer crer na viabilidade do pensamento do seu algoz, enfim, de não deixar o perpetrado ver a partir de si mesmo aquilo que se lhe apresentava. Estas são partes compreendidas indissociáveis a circunscrever noite e medo, porém, era de onde derivavam outros empenhos a pôr o adversário em inúmeras dificuldades. Em virtude dela se constituir em uma das fiadoras da arquitetura do medo, jamais se colocava distante do sujeito e do objeto, do fato e da mentira, dos fins e dos meios, do absoluto e do relativo. O plano tático concentrava-se na racionalização da noite/medo através da invocação de argumentos transformados e/ou dados a parecer plausíveis aos seus interlocutores. Abhrão, por exemplo, estava envolto ao convencimento coercitivo do medo operado mediante argumentos ditos pragmáticos que buscavam se impor de forma bastante profunda nas estruturas de pensamento do alvo a granjear.

Por estes parâmetros, o medo e a feitiçaria bastante demonstraram como e em quais condições determinados indivíduos enfrentaram mundos a conduzi-los ao catolicismo. Dito de maneira “diferente”, inúmeros ritos provenientes da Igreja Católica foram dados a ler na faculdade de aparatos essenciais à defesa das “inclemências” da feitiçaria. A este respeito, Robert Mandrou ao publicar “Magistrados e feiticeiros na França do século XVII”, onde, conforme o autor, a autoridade mental da Igreja Católica, a qual esteve articulada com diversificadas passagens contidas no Novo Testamento se apresentou como domínio essencial ao combate da Besta satânica da feitiçaria (Mandrou, 1979, p. 73-76).

A noite e o medo apresentavam, nas suas latitudes, elementos constituintes a circundar hierarquizações que designavam direções, mas também que conduziam conteúdos necessários à sobrevivência. Neste particular, ao se considerar algumas contingências do aparelho psíquico, faz-se necessário

observar essas escalas com mais vagar, porque não se deve desconsiderar a existência de sortidas visões de mundo, bem como da presença de sistemas de classificação que correspondessem os substantivos em tela. Na consecução do projeto da desordem do outro, atribuíam-se à noite e ao medo representações capazes de dirigir condutas favoráveis e contrárias aos interesses de indivíduos e de grupos, ou seja, na medida em que os deslocamentos efetivados pela noite perturbassem contingências do aparelho psíquico, o seu articulador já descortinava e ficava atento à fragilidade do mundo alheio (Ação de desquite litigiosa, 1925). Por certo, as tibiezas do agente social e as da coletividade eram alvos daqueles a mobilizar religiosamente o medo e a noite, aliás, foram mediante a estas categorias que o entendido por fraqueza psíquica se cruzava com os significados oferecidos ao noturno, às trevas, à escuridão. Quando este estudo firma posição na lógica de que os mantenedores do medo foram constituídos por gradações religiosas (bem como o próprio medo), quero me referir à capacidade de a noite e de o medo também influenciarem na direção da vida do outro.

Em suma, eram direções firmadas em aparelhos coercitivos emanados da religião, da política, do cotidiano. Nesta conjuntura, o Diabo não descansava e, por isso, sempre esteve disposto a ofertar ferramentas para que o "imaginário dos homens" fosse reconstruído conforme os medos e os temores emanados do próprio homem, então, instituições e homens ofereciam ao Diabo a força, a importância e a influência necessárias à sua existência. Desse modo, "o príncipe das trevas andava lado a lado com os humanos", nos ensinou a autora de "Exorcistas e demônios" (Ribeiro, 2003, p. 61). Neste particular, também trazer para estas interpretações Laura de Mello e Souza é prudente. Acerca dos sentidos da noite, a historiadora os alojou como fração de tempo "peculiar" dos(as) feiticeiros(as) e dos(as) seus/suas clientes, ou melhor, a autora refletiu várias vezes acerca das predileções destes pela calada da noite em face aos "trabalhos", pactuados com Satanás, a envolver sangue, animais e imagens de santos (Mello e Souza, 2009).

Nestas condições, mais um "desvio" até ao periódico "A Palavra" de 04 de abril de 1918 faz-se crucial. Na matéria intitulada "Quando morrer a fé", o veículo católico apresentava aos seus leitores adjetivos acerca da noite/escuridão, eis um

excerto: “Á noite, no meio da escuridão, as crianças tremem de medo; e também os adultos, mesmo quando se prezam de desabusados, não deixam de experimentar um vago e mysterioso pavor” (A Palavra, 1918, p. 01). A noite possuía-possui usos diversificados. O autor de Tessalonicenses no capítulo 5, versículos 4-5, expressou: “Vós, porém, meus irmãos, não andais em trevas, de modo que esse Dia vos surpreenda como ladrão; pois todos vós sois filhos da luz, filhos do dia. Não somos da noite, nem das trevas”. Já o de Isaias desejou fazer acreditar no capítulo 60, versículo 2: “Com efeito, as trevas cobrem a terra, a escuridão envolve as nações, mas sobre ti levanta-se Iahweh e sua glória aparece sobre ti” (Bíblia de Jerusalém, 2002). Agentes diversificados trataram a noite como produto da heterogeneidade. As formas de linguagem, as estruturas cotidianas, as escalas oferecidas à compreensão objetivavam ligar noite-medo à matéria e à alma, à vida e à morte, à luz e às trevas.

Quer maridos atordoados pelos deslocamentos das esposas, quer as tentativas de convencimento do jornal católico em tela, quer os narradores bíblicos, todos buscaram desempenhar, por um lado, significados descritivos concernentes ao tema em pauta e, por outro, levaram em conta significados palpáveis de entendimento. Cumpre observar imediatamente que estas combinações, proclamavam-se princípios de uma doutrina de ação, de uma doutrina de valores, de uma doutrina de vida, logo, o pretendido resultado desses esforços era o de atingir o humano na sua mais profunda imperfeição e deformidade, assim, a finalidade consistia em alcançar a mente de cada qual, entretanto, não qualquer lugar da mente, mas sim os espaços a corresponder as instâncias mais frágeis do ser.

No final de tudo, os inúmeros usos da noite tinham por escopo justificar as ditas adequações e inadequações (normas e critérios) a contornar os homens. Esse expediente dizia respeito a fatos nada passíveis, pois estiveram sustentados e em muito justificados, na relatividade dos dessemelhantes contextos em que estiveram inseridos. Resta, concisamente pensar o quanto as normas e os critérios concernentes à noite e ao medo eram, por quem os manipulavam, colocados em deslocamento conforme as necessidades solicitadas ao tempo e ao espaço de onde agiam. Eles foram qualificados e requalificados, adaptados e

readaptados para, portanto, serem aplicados às estruturas da vida. Noite e medo estiveram em uso conforme os interesses apresentados pelo momento histórico. Em sua notável intervenção acerca do medo, do pecado e da culpabilização, Jean Delumeau conseguiu estruturar condições necessárias e suficientes para que haja saber o quanto – no Ocidente entre os séculos XIII e XVIII – foram estruturados "sentimentos agudos da desgraça e do pecado do homem", ou melhor, ao historiador este recorte temporal foi o responsável de fazer o indivíduo descobrir "em Deus o que está faltando em si mesmo" (Delumeau, 2003, p. 58-60).

Mas, ao cabo, como interpretei neste estudo a noite e o medo? Eles foram pensados na faculdade de dominação psicorreligiosa da pessoa, a qual jamais se distanciava da confrontação dos seus atos, pois tudo se buscava ligar às distinções do dado a crer como próprio do ser. Assim, evidentemente, os seus usos foram fabricados como fornecedores de regras a distinguir condutas empregadas nas manifestações de cada qual.

Por meio da noite e do medo jogavam-se jogos tensos. A dupla significava a precariedade da vida, a fragilidade a cingir as escalas do ato e as das necessidades da pessoa, por um ângulo; por outro, através de um diálogo invertido, indicava, sinalizava e encaminhava o sujeito à luz, à salvação, aos braços do Senhor. Eis, parte do que se disse ser constrição do sujeito. Os substantivos que a todo instante venho historicizando conduziam cadeia de atributos, por conseguinte, a finalidade equivalia a adentrar nas entranhas do ser humano a cuja sua volta se agrupavam variáveis fenômenos aos quais deveriam conferir coesão e significado ao que desejava influenciar. No circuito a versar sobre a noite e o medo, sobre a religião e a religiosidade, o sujeito era entendido por meio dos seus atos e das suas manifestações, porquanto, não se pode negligenciar que a escuridão e o pavor fossem concebidos como elos ativos e efetivos a circundar os sentimentos das pessoas, uma vez que atuavam e buscavam dominar as imagens construídas pelo ser social, bem como o que estes interpretavam a respeito do conjunto dos seus próprios atos cotidianos.

Assim sendo, os seus articuladores que inevitavelmente estiveram vinculados à religião e à religiosidade fizeram entrar em jogo constantes interações a envolver ato e pessoa. Nestas condições, noite e medo funcionavam

como ardis a alcançar o domínio pleno das mentalidades religiosas. Isto posto, ao se chegar a esse ponto, as compreensões ditas normais do eu já estariam desvalorizadas em face aos perpetradores e, desse modo, tamanha organização ocorria porque as forças operativas da dupla em exame haviam ultrapassado as já precárias muralhas e capacidades de controle do indivíduo alvo, logo, a escuridão como sinônimo de medo era capaz de atingir o distrato do eu.

É inevitável voltar ao título e ao conteúdo da matéria intitulada "Quando morrer a fé" editada pela "A Palavra" em 04 de abril de 1918, na qual tratou acerca dos sentidos da noite e do medo através da crucificação do chamado rei dos Judeus. Parte da intervenção jornalística, chancelou:

> [...] tudo se explica, porém: o arrependimento durou um instante, durou o tempo apenas que durara o medo, e este reinou emquanto reinaram as trevas. Desde que a insólita noite foi cedendo o passo á claridade, desde que o sol começou de novo a innundar vales e montes, todos criaram alma nova, com especialidade os escribas e os phariseus (A Palavra, 1918, p. 01).

Ao se observar este excerto e correlacioná-lo às narrativas bíblicas contidas em São Marcos, capítulo 15, versículos 33-34, tornou-se medular. Relativa à morte de Jesus, disse o autor da escritura: "À hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona". No trecho seguinte afirmou: "E, à hora nona, Jesus deu um grande grito, dizendo: "Eloi, Eloi, lemá sabachtháni" que, traduzido, significa: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" (*Bíblia de Jerusalém,* 2002). Seja o descritor bíblico, seja o profissional das letras jornalísticas, seja o caso de Conceição e Francisco analisado um pouco atrás, o escuro fundamentalmente quando bem deslocado ajudava a governar-dominar o sofrimento psicorreligioso, pois dispunha de poder suficiente para exercer ameaças internas e externas sejam reais, sejam imaginárias, operar sentimentos de derrota, de frustração, de pânico, bem como o de estabelecer conexões entre Deus e Satanás, entre treva e luz.

A escuridão na qualidade de precipício do homem e a morte como o fim em si mesma foram apresentadas conjugadamente ao tempo do perecimento de Jesus. Na morte deste, a noite esteve e foi agente psíquico importante. Ela (a noite) foi traduzida de forma diferente, foi configurada de forma irregular, foi exposta de forma pendular no tempo e no espaço. A noite foi usada diversificadamente conforme a conveniência de cada qual. Tanto que através dela

e do medo muitos puderam transformar o invisível em visível, o irreal em real. A noite na faculdade de estrada pavimentada do medo transformava-se numa fração de tempo que não poderia ser suprimida pela racionalidade, destarte, neste estágio, o pavor já conseguia ocupar de maneira perene os lugares mais vulneráveis do indivíduo.

Os ajustes ocorridos entre noite-medo-morte e luz-vida-salvação foram reveladores de aglutinações combinatórias das mais variadas. Narradores bíblicos, profissionais das folhas a circular em Belém, maridos sobressaltados e esposas descontentes com os rumos da convivência conjugal, deram designações sortidas àqueles termos e, desse modo, conforme as conjunturas em que se encontravam, conseguiram lê-los de modo a enxergar o perigo, o risco, a ameaça, mas também a vitória, a glória, a conquista. Dito de modo diferente, o autor daquela passagem presumivelmente sagrada afirmou que no momento da morte de Jesus, a terra foi posta em trevas. O articulador da "A Palavra" deu a interpretar que em virtude do assassinato do filho de Deus, as trevas, o arrependimento e o medo predominaram, no entanto, "tudo" veio a prosperar quando "a insólita noite foi cedendo o passo á claridade". Já o apavorado desquitando, Abhrão Goldizmith revelou ao seu irmão o quanto a noite lhe trazia medo, nada obstante, durante o dia, alçava alguma estabilidade psicológica. No decorrer da sua existência, a noite era sorrateira. Ela sobejamente ajudava a constituir o medo, integrava-o. Ela, ao ser bem manobrada, dominava mentes e corações (Ação de desquite litigiosa, 1919).

Martin Heidegger, mesmo organizando interpretações acerca do temor para tempo e espaço distintos dos dessas reflexões, é importante. Conforme o autor, sobreviver ao temor depende dos momentos constitutivos fenomenológicos do ser em sociedade, ou seja, dos deslocamentos dos indivíduos, das suas variações que "surgem diferentes possibilidades de ser do temor" (Heidegger, 2005, p. 197). No tocante ao estudo proposto, campeio a compreensão de que o medo se movimentava e, por isso, estava assentado em modos de disposição, onde o seu descortinamento jamais foi possível localizar em dado lugar, mas em diversos. Para os anseios da fundamentação do medo, a noite jamais deve ser localizada na planície das interpretações historiográficas e sim no

seu vértice, porquanto ela era dona de variações. Era espaço em que se recorria à danação de outrem. A noite constituía-se num dos lugares prediletos de trânsito do medo divulgado pela religião e pela religiosidade. Em 1916, danação e medo, religiões e religiosidades estiveram ligados às vidas de Alcides Malcher e Maria. Consoante a estes dramas, recorro a epístola que Alcides legou ao presente. Ele, de forma bastante aterrorizada, significou o seu dia a dia à irmã Catarina Malcher da maneira seguinte: "mana Maria estou com muito terror, com medo. Ela faz feitiçaria pra mim de noite na boca do pôsso. Ela usa a religião do capeta eu ainda tenho foça pra ir pra igreja" (Ação de desquite litigiosa, 1916).

Como estou a apresentar, no tocante à noite e ao medo, alguns anexos (cartas) contidos em ações litigiosas de desquite tornaram-se documentos sem paralelos. Quando, em 1924, a belenense Bebiana Souza Silva, 20 anos, dedicadas às prendas domésticas impetrou processo de ruptura conjugal contra Leopoldo Souza Silva, 30 anos, paraense, empregado do porto. O impetrado e o seu advogado, Pedro Antunes Braga, buscaram convencer o judiciário, da maneira seguinte: "[...] Bebiana faz seus trabalhos feiticeiros á noute, no quintal perto do pôço. Isso feito o ceu troveja. Ele tem medo porém está com Nossa Senhôra [...]" (Ação de desquite litigiosa, 1924). Tais articulações do profissional não puderam, por parte deste historiador, ficar circunscritas à interpretação de se tratar somente de estratégias jurídicas. Sem dúvida, esse aspecto foi um dos intuitos, entretanto, é viável refletir aquelas orações através de outros ângulos: elas expressavam sentidos e significados dados à noite e ao medo por um segmento da sociedade belenense.

Por estas escalas, as primárias intenções consistiram em tirar o que pertencia do outro. Em fazer o outro desconsiderar as coisas a partir do seu próprio ângulo reflexivo. Era a de transformar o outro num agredido e num espoliado passivo em face aos seus particulares desejos, era a de cultivar um medo ilimitado e hierarquizado, era a de canalizar interna e externamente um pavor integral, era a de transverter o indivíduo em si próprio, era a de converter a "vítima" em agente recíproco do medo e, assim, se alimentar dele e, do mesmo modo, inflacioná-lo. Para resumir: o intento era o de controlar os espíritos. Como disse, em certa feita, Renato Janine Ribeiro, o medo, na sua essência, consiste

naquilo que o adversário pode fazer contra nós, mas ele se prolonga, vai mais à frente, pois chega à suposta "ausência" de quinhão adequado a postar-se contra os supostos "malefícios" fabricados, proferidos, desejados pelo outro (Ribeiro, 2003, p. 137-165).

Nas intervenções em curso, a escuridão da noite liberava atemorizações capazes de tocar por si mesmas o espírito do indivíduo amedrontado. Contudo, para se chegar a esse ponto, as suas cognições tiveram de ser transformadas psiquicamente frente ao modo de pensar dos agentes sociais, isto é, ela "apenas" seria acoplada ao medo aquando a pessoa fosse convencida do quanto a noite abria conjunto sistemático de perigo, de perversidade, de abandono de si próprio, de vagueza, de palidez. Na busca da significação da noite, a irritação do céu também ocorria ao tempo da feitura dos pressupostos feitiços executados no quintal do belenense Leopoldo Souza Silva, ou seja, ao se putativamente praticar os falados trabalhos às proximidades do poço da residência do casal, o céu supostamente trovejava, demonstrando uma possível "impaciência" "divina providenciadora de muito temor" (Ação de desquite litigiosa, 1924). A literatura transformou o medo em assunto necessário. Em "Grande sertão: veredas", João Guimarães Rosa, a personagem de Riobaldo, é aproximado sistematicamente ao medo. Na obra este funcionou nos eixos dos campos estruturais daquele agente, ou seja, o sentimento impulsionou a vida de Riobaldo na sua determinação de compreender o bem, o mal e a lógica que estes convencionam com o Diabo (Rosa, 2006). Já em "Júlio César", William Shakespeare, ao construir diálogos entre Cássio e Caska, o uso do medo fez-se funcional, pois aquele dizia a este: "você me parece pálido; seu olhar é vago, revela medo e denuncia um homem assombrado por ver esta estranha impaciência dos céus" (Shakespeare, 2016, p. 36-37).

Em meio ao casal, Bebiana e Leopoldo Souza Silva, noite, trovões e raios foram associados aos presumidos trabalhos oriundos da "maldade feiticeira negra": tudo isso tinha como função elementar o reforço das estruturas do medo já bastante dadas a conhecer pelo cliente ao seu defensor técnico, conjecturo. A presença de filtros está transparente, contudo, evidentemente, não inviabilizam supor como aquele homem vislumbrava a noite e o medo. Estamos frente a frente à legitimação e à objetificação da escuridão e do medo enquanto processos

direcionados ao alheio, uma vez que elas (legitimação e objetificação) intentaram erguer novos significados que buscaram se unir a lógicas já existentes. Dito de outro modo, a produção e a legitimação de outras trilhas a sustentar severo receio diante do medo e da noite consistiram e estiveram sustentadas na escala da objetividade acessível da instrumentalização dos próprios substantivos amedrontadores; destarte, as estruturas a circunscrever o medo e a noite não se descolavam da plausibilidade de um referencial objetivo capaz de desequilibrar o indivíduo, mas sim do reconhecimento psíquico pelo indivíduo desse referencial objetivo.

Por tudo o que até aqui procurei evidenciar, entendo que a noite não se ligava ao medo aleatoriamente. Ela em face a ele precisava manusear formas de legitimação psicorreligiosas capazes de envolver o sujeito alvo. Desse modo, a noite fazia-se presente nas estruturas de corpos a integrar quadros destinados a promover variações diante do fenômeno do medo, aliás, esta característica se revelava necessária à multiplicação de outros deslocamentos constitutivos dele. Porém, quero explicar tudo isso de forma um pouco mais abrangente. A fração de tempo denominada de noite não corresponde no medo em si mesma, o que a alimenta – segundo os argumentos aqui propostos – são as variações, são as ações, são os eventos humanos desenvolvidos no bojo da escuridão e, naturalmente, os elos religiosos advindos daqueles aspectos.

A noite para se tornar funcional aos propósitos do medo e aos das religiões-religiosidades tinha de expressar ameaças contínua e ordinária à pessoa, então, estas disposições deveriam se constituir em escalas existenciais para que o ser indispusesse de autonomia capaz de inviabilizar suas próprias certezas e interpretações cotidianas. Por estes patamares, a serventia destes dispositivos é concebida (nestas reflexões) como perigos reais e imaginários “sempre” voltados às finalidades do medo, isto é, os perpetradores liam a noite e procuravam operá-la através da elaboração de aberturas de função e de significância acerca do que nela se praticava, mas também sobre o que se dava a crer a respeito do que se praticava em seu seio.

Por estes parâmetros, é mister acentuar: estava em pauta o que “era”, contudo, trabalhar em grau superior ao que “efetivamente era” nunca foi deixado

às margens. Assim, as maneiras de torná-la (a noite) útil ao medo e, por conseguinte às religiões e às religiosidades variavam e demonstravam-se mais e mais proficientes quando escalas psicológicas do ser se encontravam deterioradas. De tal sorte, a noite e o medo operavam, diversificadamente, no corpo e no psíquico dos indivíduos e, por esta razão, tinham como desígnios a negação dessas propriedades por parte dos seus donos. Estes aspectos são necessários apresentá-los de modo mais substantivos: os dois substantivos em pauta atuavam no sentido de formatar desfiladeiros e longitudes entre o corpo e a forma de pensar do sujeito social a ser acometido pelo medo, onde não era incomum a presença do Diabo, nem a de Deus, nem a da noite-trevas, nem a da luz (Ação de desquite litigiosa, 1927). Na ação de desquite impetrada por Frederico Silva e Silva contra Clodilde Varga Silva, em 1927, as entidades religiosas em tela e as suas derivações estiveram presentes, pois, as vejamos por intermédio de parte da carta ortografada pelo peticionário à sua mãe: "mãe Clotilde faz trabalhos feiticeiro ela é ligada satanaz ela faz rito de noite de baixo da minha rede pra satanaz, eu tenho muito medo da noite" (Ação de desquite litigiosa, 1927).

Cedamos a palavra, mais uma vez, à Igreja Católica ao tempo em que se referia às habilidades do Diabo frente ao dia e à noite: "É insipido durante o dia porque as circumstancias da noite melhor favorecem a imodestia, impudicicia e luxuria [...]" (A Palavra, 1931, p. 01). A este respeito, Carlo Ginzburg evidenciou em "Os andarilhos do bem", ao analisar os processos inquisitoriais de Paolo Gasparutto e o de Battista Moduco o quanto encontros noturnos possuíam significados diferentes aos feiticeiros e aos benandanti. Para os primeiros, a noite seria lugar da atuação do Demônio, da perversão deste sobre a humanidade; já para os segundos, o noturno expressava lugar de batalhas contra a maldade do Anjo das Trevas. Às particularidades a cingir noite *x* dia, noite *x* Demônio àqueles a manipular a noite com a vontade de promover o medo, estiveram recorrentemente dispostos a dominar o psicorreligioso no interior dos espaços que ele ocupava no mundo, portanto, quando os substantivos estivessem unidos, quando eles estivessem infiltrados nas escalas de pensamento do sujeito, "tudo" já se encontrava coordenado por forças psicológicas residentes nas camadas extras do desejado pelo *eu social* do indivíduo atingido pelo medo. Neste nível, a

organização psicológica entendida na faculdade de espaço geográfico se encontrava completamente comprometido: o medo no seu bojo operava bastante bem para explicar como o sujeito não tinha condições de conduzir, da mesma maneira de antes, a própria vida (Ginzburg, 1990).

O perigo entre o dia e a noite, presente no texto de João, capítulo 11, versículos 9-10, onde Jesus teria comentado que aquele que caminha durante o dia em nada poderá esbarrar, porque a luz está presente, porém, aquele a transitar à noite tropeçará porque a luz inexiste, é entendimento religioso muito salutar para este estudo. Esta visão precede muitos séculos, os significados oferecidos pela Igreja belenense à noite e ao dia, publicados em 22 de março de 1931 pelo jornal "A Palavra". Todavia, seus conteúdos copiosamente se aproximam, bem como se avizinham das dezenas de cartas anexadas em autos de desquite impetrados na Belém das primeiras décadas do século XX. Para "todos", a noite era espaço de tempo no qual a maldade, a incerteza, a dubiez, a "imodéstia", a "impudicícia", a "luxúria" viviam alocadas à espera do homem, enfim, era onde o Diabo reunia e organizava os seus arranjos e as suas finalidades para a partir desse lugar perturbar a vida alheia e, assim, lhe impor o medo. A luz do dia consistia a bonança, a presença de anjos de luz, a ausência da maldade demoníaca, em síntese, elucida trecho de tempo no qual o homem poderia transitar na distanciação da malvadeza do inimigo da humanidade.

Ao fim e ao cabo, noite e dia se encontravam no seio de severas variações de aparência. Ora, não eram nestas linhas tênues psíquicas que se encontravam alojados diversificados maridos das primeiras décadas do século XX? Missivas escritas por assustados consortes, possibilitaram viabilizar o entendimento do quanto o companheiro de Consolação esteve envolto psicologicamente em face aos sentidos da maldade, da escuridão, da noite, da luz do dia, da presença do Anjo das Trevas. Sobremaneira, Abhrão, Everaldo, João, Frederico, Francisco, Leopoldo, Mário viram as suas existências assaltadas pelos deslocamentos das duplas em questão, as quais cobraram preços psíquicos excessivamente elevados tornando escassas as chances de reversão do quadro. Ao tempo em que um sujeito social alimentava semelhante pensamento no tocante à noite e ao medo, estava muito pouco exercendo a direção da própria vida, pois, efetivamente, confusões

mentais e pensamentos retrógrados que expressavam campos elásticos em abrangência inaudita, os quais se asilavam nas estruturas psíquicas humanas achavam-se se reproduzindo de maneira acelerada, isto é, o indivíduo se encontrava na convivência de lógicas sustentadas em procedimentos autocontrolados pelos interesses e necessidade alheias. Doravante, noite e medo passavam a exercer influências olímpicas nas camadas da vida daqueles a se encontrar sob a jurisdição, sob a fiança do outro.

Conclusão

Quis nestas reflexões explicar os entendimentos de determinados agentes históricos belenenses (esposos e esposas), bem como os do catolicismo e os da feitiçaria frente ao medo e à noite. Os argumentos do presente estudo puseram-se a entender quais ferramentas e, ao mesmo tempo, em que circunstâncias elas foram utilizadas pelas religiosidades (catolicismo e feitiçaria) para que pudessem evidenciar a noite e o medo na cidade de Belém. No afã de exprimir sentidos aos substantivos em tela, os desquitandos e a Igreja Católica jamais deixaram em segundo plano desígnios vinculados a Deus e ao Anticristo, ademais, apenas é possível vislumbrar qualquer escala a envolver a noite e o medo quando se traz o dito Criador e o seu presumível inimigo, o Diabo, para o centro do diálogo cotidiano a circunscrever aquele "fragmento de tempo" (a noite) e aquele sentimento (o medo). A valer, a interpretação intitulada "Noite e medo: Igreja e feitiçaria" esteve insofismavelmente ligada à busca da compreensão de como funcionavam dadas estruturas psicorreligiosas de maridos e de esposas que se encontravam em meio a desinteligências conjugais, mas também nunca desatentou a dar inteligibilidade ao *establishment* católico: como este agia e influenciava a coletividade.

Ademais, ao se considerar as particularidades deste estudo, a noite e o medo sempre estiveram aliançados. O uso deles por esposas desquitandas e pela Igreja tinha como finalidade alcançar as estruturas de pensamento dos maridos, quando deslocadas pelas consortes, e as da coletividade, quando manuseadas pelo catolicismo. Desse modo, havia, portanto, em meio as duas instâncias de poder, um denominador comum, qual seja: quer às mulheres, quer à Igreja tiveram – através de atos e de palavras – o propósito da dominação, da ronda, da

espreita, do açambarcamento frente aos significados do pensamento alheio.

Noite e medo eram dados a entender, eram articulados de maneira a existirem necessariamente e nunca de forma contingencial. Eles foram associados aos modos, às maneiras, aos sentidos tanto quanto se pudessem vislumbrar elementos ditos adequados à consecução da constrição do sujeito social. Logo, a lógica dos que buscavam acionar o medo e a noite como adversários do outro, tinha como "último propósito" aprofundar a fragmentação do ser social, isto é, fazer o adversário cessar de ser o que pensava que era, deixar de exercer o poder que pensava que tinha, deixar de executar as decisões que imaginava conseguir efetivar: o desígnio era o de que o indivíduo diante à própria vida nada mais poderia apetecer, não mais poderia vê-se na faculdade de dono de deslocamentos autônomos.

Eis, o que quis dar a entender.

REFERÊNCIAS

A PALAVRA. Belém, 04 de abril de 1918, p. 01.

A PALAVRA. Belém, 22 de março de 1931, p. 01.

A PALAVRA. Belém, 27 de novembro de 1927, p. 01.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA impetrada por Alcides Alcantara Malcher contra Maria da Conceição Alcantara Malcher, 1916.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Abhrão Goldizmith contra Consolação Silva Goldizmith, 1917.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA impetrada por Conceição Almeida Silva contra Francisco Nunes Silva, 1919.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Bebiana Souza Silva contra Leopoldo Souza Silva, 1924.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Mariangela Nunes de Albuquerque contra Ruth Nunes de Albuquerque, 1925.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovido por Frederico Silva e Silva contra Clotilde Vargas Silva, 1927.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Sílvia Conceição contra Everaldo Conceição, 1929.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Francisca Gomes Nunes contra Frederico Andrades Silva, 1930.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por João Coelho de Miranda Fonseca e Iracy Moreira de Miranda Fonseca, 1937.

AÇÃO DE DESQUITE LITIGIOSA promovida por Amarildo Vicente Dias e Joana Caetana Dias, 1940.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1900).** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo:** a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Vol. I. Bauru: EDUSC, 2003, p. 60.

DIEL, Paul. **La peur et langoisse:** phénomène de la vie et de son évolution. Paris: Payot, 1985.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem:** feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Parte I. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 197.

MANDROU, Robert. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII:** uma análise de psicologia histórica. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MELLO e SOUZA, Laura de. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. "Sobre o medo". *In:* **Os ensaios:** uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 55.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **Exorcistas e demônios**: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

RIBEIRO, Renato Janine. Medo e esperança em Hobbes. *In:* NOVAES, Adauto (org.). **A crise do Estado-Nação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 137-165.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SHAKESPEARE, William. **Júlio César.** Porto Alegre: L & PM, 2016, p. 36-37.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia:** crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.